

A FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LINGUA DE SINAIS VISTA SOB A PERSPECTIVA DE VIVÊNCIAS DISTINTAS ¹

Luciana de Oliveira Fortes ² - UFSC*
Mirele Pretto da Silva ³- UFSC*

RESUMO: o presente trabalho tem como objetivo mostrar a percepção de duas alunas do curso de Letras/Libras bacharelado em relação à formação acadêmica, mostrando diferentes experiências com tradução/interpretação. Com isso será apresentado as principais dificuldades e/ou facilidades encontradas durante a formação das alunas. A metodologia utilizada para este trabalho será o relato com relação à vida acadêmica de duas alunas do curso de Letras/Libras Bacharelado da UFSC, pólo UFRGS. Através dos resultados e discussão foi possível perceber que os motivos que levaram as duas acadêmicas a buscarem a formação, foram distintos. Uma com o intuito de aprender teoria e prática, outra com a intenção de aperfeiçoar a sua prática e aprender a teoria. Na medida em que para uma, o conhecimento adquirido no curso é novo, para outra alguns conhecimentos são repetitivos, bem como que para uma, as dificuldades e desafios encontrados durante a formação são grandes, para outra, nem tanto, por já possuir experiência e trabalhar na área. Enquanto uma sentiu-se inicialmente inferior perante as colegas que possuíam experiência prática anterior, a outra se sente membro pertencente daquele grupo por estar no mesmo nível e prática de interpretação.

Palavras-chaves: formação, interpretação, relato de experiência, Letras/Libras

¹ Eixo Temático: Formação de Intérpretes de Língua de Sinais.

² Educadora Especial, Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana pela UFSM. Graduanda em Letras/Libras-Bacharelado UFSC - Pólo UFRGS/RS.

³ Educadora Especial - DA - Surdez / UFSM. Tradutora Intérprete de Língua Brasileira de Sinais / MEC. Graduanda Letras/Libras - Bacharelado UFSC - Pólo UFRGS/RS.

*Instituição- UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO:

A história da constituição do intérprete de Língua de Sinais iniciou-se por meio de atividades voluntárias que foram valorizadas na medida em que os surdos passaram a

desenvolver o exercício da cidadania e em paralelo com a proposta de educação bilíngüe (QUADROS, 2004). No Brasil, o trabalho com intérpretes iniciou-se nos anos 1980, principalmente, em função de serviços religiosos e informais. Nesse contexto, a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos) passou a organizar encontros de intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

As discussões sobre o intérprete enquanto profissional, segundo Famularo (1999), são relativamente recentes. Conforme a autora, no Congresso da Federação Mundial de Surdos, realizado na Finlândia em 1987, houve a recomendação para que a formação de intérpretes de Língua de Sinais contasse com as mesmas exigências daquelas vinculadas aos intérpretes das línguas estrangeiras orais. Já em 1995, em congresso realizado pela mesma Federação, na Áustria, foi estabelecida uma Comissão de Interpretação, o que demonstrou um avanço nas discussões da comunidade surda mundial.

No Brasil, em 22 de dezembro de 2005, criou-se o Decreto nº 5.626 que considera como tradutor e intérprete da língua de sinais e da língua portuguesa aquele que interpreta de uma língua fonte para uma língua alvo. Segundo tal decreto, a formação desse intérprete deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em LIBRAS/ Língua Portuguesa. Essa formação permite que o intérprete de LIBRAS atue na educação infantil, na educação fundamental e na universidade.

Foi pensando neste decreto que foi instituído, no ano de 2008, o curso superior de Letras/Libras – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É perceptível que este é um curso recente em nosso país, por isso, muitos dos alunos, já atuavam como intérpretes de Língua de Sinais e hoje buscam a formação, e a certificação para a plena atuação (oficialização) no mercado de trabalho. A ausência de cursos superiores que proporcionassem a formação desses profissionais, fez com que muitos intérpretes buscassem a certificação através do exame de proficiência, que analisa a competência lingüística, mas não dá a formação na sua atuação. Já a minoria, dos acadêmicos do curso de Letras/Libras almeja essa formação, para que depois da certificação no ensino superior possam atuar como intérprete.

MÉTODO

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado por duas acadêmicas do curso de Letras/Libras- Bacharelado da UFSC, pólo UFRGS. Uma com

conhecimento e atuação, a outra sem esta experiência e prática, na área da interpretação. Durante o relato destas acadêmicas, foram descritas, de maneira informal, as impressões reais, psicológicas e críticas de cada uma, em relação a suas experiências vivenciadas durante o curso de formação de intérpretes de Língua de Sinais.

O primeiro relato é de uma Educadora Especial, formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos e Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana. Também atua como tutora do curso de Pedagogia-EAD da UFSM e é acadêmica do curso de Letras/Libras Bacharelado, pólo UFRGS, RS.

Durante o curso de Educação Especial cursou disciplinas de LIBRAS I, II, III e IV, despertando o interesse pela profissão do intérprete de Língua de Sinais, sempre buscando informações sobre o assunto com a professora de LIBRAS e com intérpretes de Língua de Sinais atuantes da UFSM .

O segundo relato também é de uma Educadora Especial, formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), porém está atua como Tradutora Intérprete de Língua Brasileira de Sinais na cidade de Chapecó, Santa Catarina.

RESULTADOS

O primeiro relato consta da expectativa antes mesmo do ingresso no curso de Letras/Libras, sendo que ampliação do aprendizado e a ligação entre a teoria e a prática da interpretação a sua busca na graduação. Já no primeiro dia de aula, a autora ficou surpresa ao saber que quase todos os seus colegas já atuavam como intérpretes. A maioria já possuía uma relação próxima com surdos: cônjuges, filho, alunos, vizinho, amigo, sendo a relatora, uma das únicas que não havia atuado como intérprete. Até então o maior contato que havia tido com surdos, havia sido no estágio na escola especial para surdos (final do ano de 2007) de Santa Maria/RS. Ou seja, percebeu-se que desde o primeiro dia o desafio para formação que a acadêmica busca é muito grande, mas que com esforço e dedicação ele pode ser superado, surpreendendo algumas vezes.

Consta, conforme o relato, que a sensação de estar em um grupo onde quase todos já atuam na profissão é como estar em um curso “errado”. É como se estivesse “perdida”, pois em determinadas discussões, acaba não ocorrendo uma “troca”, tornando-se assim uma receptora de informações, pois como não tinha prática, não conseguia compartilhar com os demais colegas, como por exemplo, questões

relacionadas à interpretação. Então acaba aprendendo com a experiência dos mesmos, pois as dificuldades profissionais deles são discutidas com o grande grupo. E isso a autora levará para a sua prática futuramente.

Também foi constatado que, existe o sentimento, de que o curso de Letras/Libras foi implantado pensando preferencialmente nas pessoas que já tem a prática de interpretação e não para quem também quer aprender essa prática. Como se existisse uma exigência do curso, onde apenas cursa quem já “interpreta”, sendo que, na realidade, a única exigência do vestibular era a fluência em LIBRAS. Essa conclusão procede, principalmente, pelas atividades que foram exigidas em algumas disciplinas cursadas até o momento, em que se solicita “interprete tal coisa”, “interprete com fluência isso”. Até o presente momento da graduação, existe apenas um laboratório de interpretação e, na qual a autora se questiona “como saberei fazer uma interpretação com fluência? Será que somente um laboratório de interpretação já nos dá condições reais de realizar uma interpretação fluente propriamente dita?”

Em determinados momentos, também foi sentido à pouca “cobrança”, em relação a inexperiência na área da interpretação, e por fazer parte de um grupo que é bastante experiente neste ramo da interpretação, às vezes, a mesma, sente-se intimidada para sinalizar na frente dos colegas. No entanto, o objetivo de um curso de graduação é a formação do profissional, ou seja, ensinar, também, a quem quer aprender teoria e a prática.

Entre as disciplinas cursadas até o momento que instigaram foram: Escrita de Sinais (SW), por não conhecer, e em um primeiro momento, a aluna deste relato, imaginou que fosse ter dificuldades. LIBRAS I, II e III, pois foi onde existiu o foco na questão da Língua em si e Laboratório de Interpretação, que, com certeza, foi a disciplina que a mesma, teve maior dificuldade, por saber que a maioria dos colegas já interpretavam, mas na prova desta disciplina não foi exigida uma interpretação simultânea.

Hoje, apesar da pouca experiência, a autora do primeiro relato sente-se agradecida pela oportunidade de fazer parte do grupo de colegas que são referências regionais e/ou nacionais como melhores intérpretes de Língua de Sinais, são pessoas que tem muito a acrescentar na sua prática e aprendizagem. Além disso, é com grande orgulho que ela faz parte desta “família” do curso de Letras/Libras, onde os representantes e professores são de reconhecida competência nacional e internacional na área da surdez.

No segundo relato, a acadêmica fala que, foi convidada para trabalhar no município de Chapecó. Em um campo distinto da sua formação, que é a licenciatura. Trabalharia com a interpretação em turmas de 5ª série do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio, sem nunca antes ter atuado na área da tradução/interpretação, estaria se lançando em um campo nunca antes estudado ou trabalhado. Ela já possuía conhecimento significativo na área da LIBRAS, havia feito até aquele momento um curso de nível básico e outro de nível intermediário, porém não era o suficiente ou o necessário para sua atuação como intérprete. Porém, como a área é escassa de profissionais e era uma demanda que necessitava ser preenchida, ela se lançou à nova experiência, com o aval da Secretaria Estadual de Educação.

Com o tempo ela foi adquirindo conhecimento e experiência, ampliou seu vocabulário, realizou as adaptações necessárias na sua Língua de Sinais, pois o seu vocabulário era formado por sinais provenientes do Rio Grande do Sul. Quando ela chegou ao novo estado, se deparou com regionalismos, rapidamente fez suas adequações, sempre com o aval do instrutor surdo local.

No ano seguinte estava trabalhando na universidade particular que se localiza na mesma cidade. Trabalhou com o curso de Pedagogia onde interpretava para duas alunas. No mesmo ano realizou o Prolibras/MEC, nível Superior, com êxito foi aprovada. Durante este ano sempre trabalhou em locais além da escola, interpretava concursos, palestras, vestibulares, cursos.

Em meados de 2008, quando estava exercendo a função de intérprete no atual IFSC, antigo CEFET. Foi desafiada a realizar a prova, pelo instrutor surdo, com o qual trabalhava, ele já cursava o Letras/Libras, pólo UFSM. Ele a questionou e ela ficou a pensar sobre a idéia, já que, estava sem fundamentação teórica, ou até mesmo práticas mais aprofundadas. Na época, e ainda atualmente, ela teve a impressão de que o curso lhe daria embasamentos teóricos, uma vez que sua prática, não estava sendo realizada a partir de teorias. Pensou que seria uma boa oportunidade para buscar aprimoramento, internalizar novos vocabulários e conhecer mais profundamente a Língua de Sinais, assim como aperfeiçoamento profissional e em nível de currículo, acresceria muito ao seu conhecimento.

Concomitante a divulgação do curso, surgiram rumores de que este curso viria a substituir a certificação do MEC, PROLIBRAS. Ela acredita que esta também foi uma das razões que a impulsionaram a realizar o vestibular, o receio de perder algo já conquistado.

Passada a prova e a aprovação no vestibular, suas expectativas cresciam, se mostrava ansiosa, para sanar suas dúvidas e angústias sobre a interpretação. Queria novos conhecimentos, estava estimulada e muito curiosa para encontrar o que lhe esperaria durante esta formação. O seu objetivo, entrando no curso, era primeiramente o aperfeiçoamento da sua prática, estava em busca do embasamento teórico que tanto lhe faltava. Em momentos que antecederam as aulas, muitas vezes dúvidas surgiam, dúvidas estas de caráter prático. Saber se esta sendo entendido pelo surdo em um momento de interpretação é essencial para o desenvolvimento de um bom trabalho de tradução/interpretação.

Já cursando o Letras/Libras, ela se deparou com inúmeras pessoas com a mesma prática e anseios que os seus. Percebeu que muitas eram as pessoas que estavam na mesma situação que a sua, a falta da teorização, pois a prática por anos foi a mesma, apenas interpretavam e mantinham o contato com o sujeito surdo e no primeiro momento, as pessoas pensavam que isto era o necessário e primordial pra trabalhar como intérprete. Claro, que não podemos esquecer que já havia alguns cursos de formação de intérpretes pelo estado do Rio Grande do Sul, mas nenhum em nível de graduação como este que hoje é proporcionado pela UFSC.

Então estavam todos lá, pessoas com muitas coisas em comum, inclusive dúvidas e objetivos específicos, o maior entre todos, se aprimorar profissionalmente. Já com o curso em andamento, ela percebeu que ficou cada vez mais latente as semelhanças que os interpretes tinham e continuam a ter em relações as dúvidas profissionais. Percebeu que em grande maioria as duvidas são parecidas, problemas de locações, referenciais, expressões faciais e corporais (questões gramaticais de forma geral).

Durante as atividades propostas por algumas disciplinas, muitos foram os momentos que percebeu estar com as mesmas dificuldades que seus colegas, o que facilitava a troca de experiência e o crescimento profissional de forma coletiva.

Percebeu que como não possui curso de formação na área, atua da forma mais complexa. Quando se aprende da forma correta, não adquire vícios de linguagem. Existem algumas lacunas na sua atuação, mas com o curso tem percebido-as e com isto tem se aprimorado e realizado as devidas correções. Ela pensa que o curso, foi essencial neste sentido, pois a ajudou a realizar análises em sua atuação. A partir do momento em que passou a se aprimorar de novos conhecimentos, através do Letras/Libras, passou a

colocar em prática durante as aulas em que interpreta isto é muito válido, pois melhora a qualidade do seu trabalho e o entendimento do surdo.

DISCUSSÃO:

Através dos relatos de experiências supracitados, é possível perceber que os motivos que levaram as duas acadêmicas a buscarem a formação, foram distintos. Uma com o intuito de aprender teoria e prática, outra com a intenção de aperfeiçoar a sua prática e aprender a teoria.

Na medida em que para uma, o conhecimento adquirido no curso é novo, para outra alguns conhecimentos são repetitivos, bem como que para uma, as dificuldades e desafios encontrados durante a formação são grandes, para outra, nem tanto, por já possuir experiência e trabalhar na área. Enquanto uma sentiu-se inicialmente inferior perante as colegas que possuíam experiência prática anterior, a outra se sente membro pertencente daquele grupo por estar no mesmo nível e prática de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FAMULARO, R. **Intervención del interprete de senas / lengua oral en el contrato pedagógico de la integración.** In. SKLIAR, C (org.). Atualidade da educação bilingüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor-intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** 2. ed. Brasília: MEC. 2004.